

Maconha: Que planta é essa?

Uma breve história do consumo e da disseminação no Brasil

*Francisco José Figueiredo Coelho¹
Maria de Lourdes da Silva²*

^{1,2} GT Educação e Drogas, Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA).

Considerando que o ser humano está sempre em construção e apresenta inúmeras necessidades individuais e coletivas, não se pode descartar as diferentes formas de uso e abuso das drogas, que variam de cultura para cultura. Logo, sugerimos a você, professor, que não veja as drogas de maneira simplista categorizando-as como compostos de funções boas ou más. Isso depende de diferentes fatores, como o tipo de substância, a concentração utilizada e até mesmo as condições de consumo.

Embora existam muitas substâncias que sejam consumidas de forma abusiva, historicamente, muitas delas foram utilizadas com finalidades médica, econômica, ritualística, etc. Obviamente, se analisarmos a questão com um viés exclusivamente religioso ou partindo da ótica da abstenção para a saúde, deixaremos de enxergar a própria história das Ciências.

Em cada civilização, em cada nação a droga psicoativa (aquela que atua no sistema nervoso central) envolveu questões complexas e, por vezes, paradoxais. São questões éticas, morais, de socialização e até

espirituais que se congregam para definir contextos de uso.

Diferentes produtos são utilizados pelos adolescentes e jovens brasileiros para relaxar e descontraír, em caráter recreativo. A maconha é apenas uma delas. E o uso da maconha no país não deve ser visto como atrelado apenas às rebeldias, afrontamentos e resistências da juventude. Seu uso é anterior à chegada dos africanos no Brasil, pois os marinheiros portugueses já conheciam a planta e seus benefícios utilizando-a para fins diversos (FRANÇA, 2018), embora tenha sido entre os escravos e as populações menos favorecidas do país, sobretudo no interior e Nordeste, que o uso tenha se disseminado no país com fins terapêuticos e recreativos.

Após ter sido tornada uma substância ilícita no país no início do século passado, seu uso passou às camadas jovens das classes mais abastadas no contexto da contracultura, a partir dos anos 1960. Como apontam a Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PENsE) realizada em 2016 (BRASIL, 2016), hoje ela é consumida entre os jovens de todas as classes sociais, nas áreas urbanas e rurais com finalidades diversas. Conhecer esses contextos de uso entre os jovens é fundamental para compreender as motivações do uso, os arranjos simbólicos que sedimentam sentidos e alicerçam identidades sociais e individuais.

Saber um pouco sobre a história e disseminação desses produtos pode propiciar bons debates com os estudantes, estimulando-os a pensar sobre os aspectos culturais que influenciam suas escolhas e condutas para além do exercício da vontade. Afinal, entendemos que o jovem gosta de ser experimentar coisas novas e desafiar o estabelecido.

Do biológico ao social: a ciência por trás da maconha

O caso da chegada da planta ao Brasil ilustra diferentes contextos e formas de uso. A planta não é nativa do nosso continente, sendo oriunda da Ásia – tanto da Índia quanto da China (FRANÇA, 2018). A planta já circulava há muito tempo pelos continentes. Inclusive, há registros egípcios que já descreviam o uso medicinal da planta.

Figura 1 . O Papiro Ebers, do Antigo Egito, com uma prescrição para o uso de maconha em casos de inflamação.



Fonte: <https://tinyurl.com/y3gf4rks>

Ao chegar nos portos brasileiros, disseminou-se rapidamente entre os escravos. E antes de ser utilizada como entorpecente, o cânhamo (fibras da planta) já era usado para produzir as velas e cordas das embarcações. Inclusive, lembra França (2018), em 1770 o Vice-Rei Marquês do Lavradio ordenou a plantação da *Cannabis* para tal fim. As folhas e flores da cannabis eram usadas na medicina popular para combater inapetência, fraqueza, irritação, insônia, ansiedade.

A confecção de papéis, já bem desenvolvida na China, teve um relativo sucesso devido ao cânhamo ser um papel mais resistente e barato se comparado com outras plantas, bem como a produção de tecido. No

Brasil, em 1783 chegou-se a criar a Real Fitoria de linho cânhamo, a mais bem planejada tentativa de introduzir a cultura da planta em larga escala no período colonial (FRANÇA, 2018). Popularizada entre os intelectuais franceses e médicos ingleses do exército imperial na Índia, o cânhamo passou a ser considerada em nosso meio um excelente medicamento para muitos males.

É curioso ressaltar que os chineses foram pioneiros com receitas à base de *Cannabis* que data de períodos anterior a 2.000 anos antes de Cristo. França (2018) destaca que os registros escritos surgem apenas no século I antes de Cristo, sendo recomendada para combater diversos males: de dores reumáticas à desarranjos e problemas no sistema reprodutor feminino. Tônicos a base de vinho e cânhamo foram registrados por médicos em cirurgias como produto anestésico¹.

Figura 2. Fluido engarrafado de extrato de *Cannabis indica* utilizada no início do século XX



Fonte: <https://tinyurl.com/yxqn5g83>

Autores como Hari (2018) e França (2018) lembram que a demonização no Brasil foi iniciada na década de 1920, seguindo as manifestações proibicionistas que se propagavam nos Estados Unidos. Nessa

¹ Convém lembrar que apenas na década de 1960 as pesquisas médico-científicas ganharam visibilidade, sobretudo com a descoberta de canabinóides no sistema nervoso central, isto é,

receptores preparados para reconhecer as substâncias psicoativas do cânhamo (FRANÇA, 2018).

Do biológico ao social: a ciência por trás da maconha

ocasião, sinaliza Hari (2018), houve inclusive estigmatização do *Jazz* como música que estimularia o consumo da maconha, o que culminou com a perseguição de diferentes músicos e artistas, em sua maioria negros da periferia.

Todo esse contexto favoreceu que, na II Conferência Internacional do Ópio (1924, em Genebra), o delegado brasileiro Dr. Pernambuco afirmasse para as delegações de 45 outros países que a maconha seria uma droga mais perigosa que o ópio. Apesar de tentativas anteriores no século XIX e princípio do século XX, a perseguição policial aos usuários de maconha somente se fez constante e enérgica a partir da década de 1930, certamente como resultante da decisão da II Conferência, o que significava que o Brasil reafirmava seu alinhamento às orientações internacionais sobre drogas sob o comando dos Estados Unidos, mas, sobretudo, porque a cannabis somente foi incluída entre as substâncias proibidas na brasileira de 1932.

Que tal conversar sobre alguns desses assuntos com seus alunos? A história e a Ciência andam de mãos dadas. Esclarecer é o primeiro passo para atuar na minimização dos danos do uso abusivo, seja da maconha ou de outro produto.

Livros para você conhecer mais:

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
FRANÇA, J.M.C. **História da Maconha no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.
HARI, J. **Na fissura: uma história do fracasso no combate às drogas**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Um site que você pode gostar:

www.educacaosobredrogas.com.br